

## **O estudo do processo de produção de textos escritos - dificuldades metodológicas**

ERICA DOS SANTOS RODRIGUES  
(PUC-Rio de Janeiro)

Grande parte das pesquisas a respeito do processamento de linguagem natural tem se voltado para a investigação de processos cognitivos subjacentes a atividades que envolvam compreensão de textos. Problemas de natureza metodológica têm dificultado o estudo da produção da linguagem, principalmente o estudo da produção de textos escritos.

No estudo da compreensão, é possível definir o material lingüístico a ser compreendido, o que permite manipular variáveis de acordo com questões específicas a serem investigadas. Por exemplo, se um pesquisador deseja verificar se ter ou não conhecimento prévio do assunto interfere na compreensão, ele pode apresentar um texto a respeito de um tema X a dois grupos de sujeitos, um com mais e o outro com menos informação sobre o assunto, e testar suas hipóteses.

No estudo da produção, o mesmo não pode ser feito. O pesquisador ou trabalha com informações obtidas a partir de situações naturais de produção ou cria situações experimentais que possam facilitar o aparecimento do que pretende analisar.

Nas pesquisas a respeito da produção da fala, uma metodologia que tem se mostrado bastante produtiva consiste na análise de erros que o produtor realiza no momento em que está falando.

A análise de erros tem como princípio a idéia de que o funcionamento de um determinado sistema pode ser revelado pela maneira como as falhas ocorrem.

Freud, por exemplo, investigou erros cometidos por seus pacientes com o objetivo de desvendar processos de pensamento associativo. Piaget analisou respostas erradas apresentadas por crianças em estudos sobre o desenvolvimento cognitivo infantil e percebeu que poderia ser atribuída uma determinada lógica aos erros cometidos.

Segundo Nystrand (1982), em *Lingüística e Psicolingüística*, a análise de erros se mostrou especialmente útil nas situações em que a intuição não era suficiente para fornecer explicações teóricas a respeito de fenômenos lingüísticos e psicológicos. O autor cita,

dentre outros, trabalhos em que a análise de erros foi empregada para elucidar questões relacionadas à aquisição da linguagem (Erwin-Tripp, 1964) e à aprendizagem da escrita (Luria, 1978).

Nos estudos sobre a produção da fala, destacam-se, de acordo com Carroll (1994), os trabalhos de Fromkin (1971, 1973), Garrett (1975, 1980, 1988) e Dell (1985, 1986, 1988). Esses autores perceberam que era possível sistematizar os erros cometidos em situações de fala espontânea e conceberam, a partir da análise dos tipos de erros, modelos de processamento de sentenças.

Além da análise de erros, alguns pesquisadores têm investigado as pausas e as hesitações que ocorrem ao longo da produção do discurso por acreditarem que estas podem fornecer informações relevantes sobre o planejamento da fala, mais especificamente sobre unidades de processamento. Trabalhos com base nesses elementos, contudo, apresentam alguns problemas, pois muitas vezes as pausas e hesitações podem não estar relacionadas ao planejamento da fala, mas sim ao estado emocional e motivacional do produtor e até o momento não foi possível separar com precisão as duas situações.

No estudo da escrita, como seu produto final normalmente não revela traços de sua gênese, os pesquisadores precisam criar metodologias específicas.

Em Psicolinguística, uma referência obrigatória na investigação de processos cognitivos subjacentes a atividades redacionais é o trabalho desenvolvido por Hayes & Flower (1980). Eles adotaram uma metodologia conhecida como “análise de protocolos verbais”, a qual foi inicialmente utilizada por psicólogos cognitivos para identificar processos envolvidos em tarefas de resolução de problemas. Um protocolo verbal consiste no relato de todas as tentativas de resolução de uma tarefa no momento em que esta está sendo executada. Segundo Hayes et al. (1987, p.235), a informação obtida a partir dos protocolos permite ao pesquisador conceber modelos detalhados dos processos cognitivos e, em alguns casos, simular esses processos em um programa de computador. Para esses autores, os protocolos dão acesso a uma espécie de janela através da qual se pode olhar para processos mentais que, de outro modo, seriam invisíveis.

Muito se tem discutido a respeito da efetividade dos protocolos verbais. Argumenta-se que existem determinados processos aos quais o produtor não tem acesso ou não reporta enquanto está escrevendo. Cooper & Holzman (1985, apud Hayes et al., 1987, p.180), com base no trabalho desenvolvido por Ericsson & Simon (1984), afirmam que os processos envolvidos na produção de textos escritos são extremamente complexos para serem capturados em protocolos. Sustentam ainda que a metodologia dos protocolos apenas permite a produção de narrativas interessantes, as quais fornecem dados para uma teoria sobre o que certos produtores dizem sobre o processo de escritura, mas não dados sobre o processo de produção de textos escritos em si mesmo ou sobre os processos cognitivos dos escritores nessa situação particular. Os dados obtidos com os protocolos seriam, portanto, somente um epifenômeno.

Em relação a essas críticas, Hayes et al. (1987) respondem que as colocações de Cooper & Holzman (1985) não apresentam nenhum fundamento e que esses autores fazem uma leitura superficial do texto de Ericsson & Simon (1984) a respeito da metodologia de protocolos. Segundo Hayes et al., nesse texto, embora Ericsson & Simon descrevam as limitações da metodologia dos protocolos para propósitos específicos e sob condições específicas, eles nunca afirmam *prima facie* que ela não possa lidar com processos cognitivos complexos. Pelo contrário, concluem, após uma considerável revisão de estudos empíricos, que tal crítica é infundada. Os dados obtidos a partir de protocolos são vistos como um poderoso recurso tanto para testar como para construir teorias não somente a respeito de processos simples, como também a respeito de processos bastante complexos, como é o caso dos processos envolvidos na leitura e escritura.

Eysenk & Keane (1994) questionam até que ponto a própria tarefa de produzir um protocolo durante a escritura não torna mais difícil a composição do texto. Os autores acreditam que o escritor pode ser obrigado a pensar de maneira mais analítica do que normalmente o faria.

Segundo Hayes (1987), ainda não se sabe ao certo se a produção dos protocolos pode interferir no pensamento durante a resolução de problemas; no entanto, até o momento, não foram encontradas evidências dessa interferência. Há pesquisas, inclusive, que mostram que, com pouca prática, é possível resolver os mesmos problemas, no mesmo espaço de tempo, estando ou não falando em voz alta. Além disso, afirmam que falar em voz alta enquanto se está fazendo uma tarefa pode inclusive melhorar a tomada de decisões e que muitas pessoas falam consigo mesmas enquanto estão escrevendo.

Uma questão que também se coloca em relação aos protocolos verbais é a utilização dessa metodologia para testar hipóteses a respeito de um objeto de pesquisa que não está suficientemente definido. Quanto a esse ponto, Hayes et al. (1987) deixam claro que o objetivo da metodologia dos protocolos em seus estudos não é o de testar hipóteses ou validar modelos, mas sim o de construir e enriquecer hipóteses sobre os processos envolvidos na escritura. Os autores vêem nos protocolos um instrumento que lhes permite explorar fenômenos anteriormente não observados e que devem ter importância teórica. Hayes & Flower (1980) acreditam que é possível conceber um modelo dos processos psicológicos subjacentes à realização de determinada tarefa se o pesquisador somar as informações fornecidas pelos protocolos ao seu conhecimento da natureza da tarefa e das capacidades humanas. Não fica claro, no entanto, o que estão chamando de capacidades humanas. Caso estejam se referindo a capacidades da mente humana, não parece ser adequado falar de conhecimento e sim de intuições, pois até o momento são muito restritas as informações a respeito do funcionamento da mente humana.

Como se vê, não são poucas as críticas quanto ao uso de protocolos verbais na investigação de processos cognitivos. É importante ressaltar, no entanto, a contribuição do trabalho de Hayes & Flower (1980), uma vez que ele permitiu uma mudança nos estudos da produção escrita: o foco de atenção deixou de ser apenas o produto final - o texto concluído - e passou a ser o processo, a construção do texto.

Uma outra metodologia adotada em pesquisas sobre a produção de textos escritos é a de análise de pausas feitas pelo produtor durante a realização de tarefas redacionais (cf. Matsushashi, 1982). Acredita-se que, semelhante ao que se verifica em relação à produção da fala, as pausas podem fornecer pistas sobre os processos cognitivos subjacentes à produção de textos escritos. Para poder registrar as pausas, os pesquisadores costumam filmar os escritores enquanto estão redigindo seus textos. Em alguns estudos, observam-se também os movimentos corporais dos escritores.

Trabalhos com base em pausas precisam ser interpretados com muito cuidado. Dentre outros problemas, conforme notam Kowal & O'Connell (1987), ainda precisa ser investigada, a partir de condições de controle mais apropriadas, a distinção entre pausa de planejamento e o que se denomina de pausa articulatória - aquela necessária para erguer a caneta do papel para poder escrever a próxima palavra.

A investigação de alterações realizadas pelo escritor em rascunhos e/ ou versões de diferentes tipos de texto tem sido uma metodologia utilizada com bastante sucesso em trabalhos sobre a escritura, principalmente na área de Linguística (cf. Fabre, 1986 e 1987; Fiad, 1991; Fuchs, 1987; Rey-Debove, 1987). Muitos desses trabalhos foram influenciados pelo tipo de pesquisa realizada por estudiosos de Crítica Genética, que analisa manuscritos com o objetivo de reconstruir e compreender o processo criativo.

Grande parte das pesquisas em Linguística infelizmente não demonstra preocupação com o controle de determinadas variáveis que podem interferir na realização da tarefa redacional. Também não permitem um registro dos momentos em que os produtores realizam alterações no texto, o que acaba por dificultar o estudo da escritura enquanto processo. Não há, portanto, uma investigação on-line da produção.

Para realizar esse tipo de investigação, um recurso que pode ser empregado é o de filmar os produtores escrevendo os rascunhos de seus textos. Esse recurso permite que se observe não só o momento em que uma modificação é efetuada como também o tempo gasto com cada tipo de revisão. Nos rascunhos, as alterações são numeradas de acordo com sua ocorrência e também se especifica em que ponto do texto o produtor decidiu realizá-las (cf. Matsushashi, 1987).

Essa metodologia é ideal para estudos de caso, porém revela-se pouco prática quando se deseja investigar o comportamento de grupos.

Em minha dissertação de mestrado (Rodrigues, 1996), foram analisadas as alterações que 21 estudantes universitários de 1º período de uma instituição particular realizaram ao longo da produção de um texto de natureza argumentativa. Os objetivos desse estudo foram verificar a existência de diferenças em relação aos tipos de modificações efetuadas em diferentes momentos da escritura e tentar investigar, a partir de um modelo provisório de atividade de memória no processamento lingüístico (Corrêa, 1993), como se relacionam um nível mais local e um nível mais global de processamento.

Para realizar esse trabalho, foi necessário criar um experimento que permitisse observar isoladamente diferentes momentos da produção escrita. Os sujeitos da pesquisa foram submetidos, então, a uma tarefa de produção de um texto de natureza argumentativa de aproximadamente 30 linhas a respeito de um tema que, na ocasião do experimento,

estava sendo bastante discutido. Eles receberam instruções de que deveriam iniciar a produção escrevendo com caneta azul. Quando terminassem de redigir a última linha e fossem reler o texto, deveriam trocar de caneta e passar a escrever em vermelho. Nesse momento, só poderiam realizar modificações com esta cor de caneta. Ao concluírem essa etapa, caso desejassem ou sentissem necessidade de passar o texto a limpo, deveriam usar uma caneta verde e outra folha de papel.

Com esse simples recurso de troca de cores de caneta, torna-se possível isolar três etapas da produção textual: uma caracterizada pelo texto estar em fase inicial de elaboração; outra em que o escritor tem acesso a uma versão completa do texto e uma terceira em que o escritor define o que será a versão definitiva do texto.

É importante notar que esse experimento não permite, tal como no caso de experimentos que utilizam recursos de filmagem, uma observação em tempo real da produção escrita. No entanto, ele apresenta algumas vantagens em relação aos recursos adotados nas outras metodologias empregadas no estudo da escritura.

Do ponto de vista de sua execução, torna viável que se lide com um número significativo de sujeitos e, conseqüentemente, que seja feita uma generalização dos aspectos observados. Além disso, o experimento se aproxima de uma situação natural de produção, o que não ocorre, por exemplo, com textos elaborados ao mesmo tempo em que protocolos verbais são produzidos.

Em termos teóricos, permite que se trate a produção textual não como um processo constituído de estágios distintos - planejamento, produção e revisão, mas sim como um processo hierárquico, dotado de recursividade, em que se verifica um intercruzamento de estágios. Observa-se, por exemplo, que a revisão pode ocorrer em qualquer estágio da escritura e não apenas ao final da atividade redacional, a partir de uma versão completa do texto.

Outra vantagem do recurso experimental adotado é que possibilita verificar, em relação a diferentes etapas da produção textual, os tipos de alterações efetuados. Isso, por sua vez, permite que se investigue a existência de diferenças quantitativas e qualitativas entre essas etapas, o que é fundamental para que se tenha uma maior compreensão da gênese textual.

Finalizando, seria importante notar que, em termos pedagógicos, a possibilidade de observar os tipos de modificações, de correções que alunos realizam em diferentes momentos da escritura pode auxiliar o professor a identificar as principais dificuldades dos alunos e a buscar metodologias de ensino mais efetivas.

## BIBLIOGRAFIA:

- BUTTERWORTH, B. Speech errors: old data in search of new theories. *Linguistics*, v.19, p.627 - 662, 1981.
- CARROLL, David W. *Psychology of Language*. 2<sup>nd</sup>. ed. Pacific Grove, California: Brooks/ Cole Publishing Company, 1994.
- CORRÊA, Leticia M. Sicuro . Restrições ao Pronome Livre na Linearização do Discurso. *Palavra*, Rio de Janeiro, n.1, p. 75-95, 1993.
- CULIOLI, Antoine. Préface. In FUCHS, Catherine et al. *La Genèse du Texte: Les Modèles Linguistiques*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1982. p. 9-12.
- EYSENCK, Michael W. & KEANE, Mark T. *Psicologia Cognitiva: Um Manual Introductório*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FABRE, Claudine. Des variants de Brouillon Au Cours Préparatoire. *Études de Linguistique Appliquée*, Paris, v. 62, p. 59-79, abril-junho, 1986.
- \_\_\_\_\_, Claudine. La Reecriture Dans L'écriture: Le cas des ajouts dans les écrits scolaires. *Études de Linguistique Appliquée*, Paris, v. 68, p. 15-39, outubro-dezembro, 1987.
- FIAD, Raquel S. Operações Lingüísticas Presentes nas Reescritas de Textos. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa, n. 4, 1991.
- GARRETT, Merrill F. Processes in Language Production. In NEWMeyer, Frederick J.(ed.), *Linguistics: The Cambridge Survey* . Cambridge: Cambridge University Press. , v.3, p. 69-96, 1988.
- HAYES, John R. & FLOWER, Linda S. Identifying the Organization of Writing Processes. In GREGG, Lee W. & STEINBERG, Erwin. *Cognitive Processes in Writing*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1980.
- HAYES, John R. & FLOWER, Linda S. Writing Research and the Writer. *American Psychologist*, v. 41, n. 10, p. 1106-1113, outubro 1986.
- HAYES, John R.; FLOWER, Linda S.; SCHRIVER, Karen A.; STRATMAN, James F. & CAREY, Linda. Cognitive Processes in Revision. In ROSEMBERG, Sheldon (ed.). *Advances in Applied Psycholinguistics*, v.2 Reading, writing, and language learning. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- KOWAL, Sabine & O'CONNELL, Daniel C. Writing as Language Behavior: Myths, Models, Methods. In MATSUHASHI, Ann (ed.). *Writing in Real Time: Modelling Production Processes*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1987. 300 p. Cap. 5, p. 108-132.
- MATSUHASHI, Ann. Explorations in the Real-Time Production of Written Discourse. In NYSTRAND, Martin (ed.). *What Writers Know: the Language, Process, and Structure of Written Discourse*. New York: Academic Press, 1982. 380 p. Cap. 10, p. 269-290.

- MATSUHASHI, Ann . Revising the Plan and Altering the Text. In MATSUHASHI, Ann (ed.). *Writing in Real Time: Modelling Production Processes*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1987. 300 p. Cap. 8, p. 197-223.
- NYSTRAND, Martin . An Analysis of Errors in Written Communication. In NYSTRAND, Martin (ed.). *What Writers Know: the Language Process, and Structure of Written Discourse*. New York: Academic Press, 1982, 389 p. Cap. 2, p. 57-74.
- PIOLAT, Annie & ROUSSEY Jean-Yves. Rédaction de Textes: Éléments de Psychologie Cognitive. In ANIS, Jacques. *LANGAGES: La génération de textes*. Paris: Larousse, junho 1992. p. 106-125.
- REY-DEBOVE, Josette. Pour une Lecture de la Rature. In FUCHS, Catherine et al. *La Genèse du Texte: Les Modèles Linguistiques*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1982. p. 103-128.
- RODRIGUES, Erica dos Santos. *A análise de "erros" na escrita: um estudo experimental exploratório da produção de textos escritos argumentativos*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1996.
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica Genética: uma Introdução, Fundamentos dos Estudos Genéticos sobre os Manuscritos Literários*. São Paulo: EDUC, 1982. 112 p.